■ Guilherme Araújo até o Supremo para derrotar Gil. (Página 2)

A moda carioca continua em alta nas passarelas. (Página 4)

B

■ Stanley Jordan sobe a Mangueira para aprender samba. (Página 6)

A companhia de Lar Lubovitch dança no Municipal. (Página 6)

Verdadeiro, mas nem tanto

Bom como cinema, filme sobre Chico Mendes peca ao construir um líder apenas romântico

HE burning season, filme de John Frankenheimer sobre o líder seringueiro



brasileiro Chico Mendes - programado para abrir a VI Mostra Banco Nacional, em pré-estréia mundial, na noite de ontem, e com exibição amanhã, às 22h, no Art-Copacabana —, é marcado por uma espécie de esquizofrenia. Ao mesmo tempo que pinta Chico Mendes como um herói incontestável dos nossos dias, reduz a dimensão de sua atividade política, transformando-o num simples idealista, um líder romântico, sem qualquer projeto concreto. Enquanto recria a modesta Xapuri (município do Acre onde o personagem viveu) numa cidade cenográfica mexicana com rara precisão de detalhes, comete aproximações históricas quase

imperdoáveis para os brasileiros. Se o personagem Chico Mendes possui um discurso politico articulado ("Sou a favor do progresso, você não", diz à certa altura a um ecologista xiita americano), o discurso do próprio filme está recheado de clichês ambientalistas. No encerramento, o espectador é obrigado até a engolir informações manjadas e didáticas sobre o desmatamento na Amazônia.

Amazônia.

Todas essas contradições, no entanto, não transformam *The burning season*, produção americana do canal a cabo HBO, em um filme de menor importância. Revela ao Brasil, por exemplo, a dimensão de um herói contemporâneo de fato, que retira dos ombros de Pelé, Romário e das mulatas a responsabilidade pela imagem brasileira no mundo. O Brasil — e isso o filme apresenta exemplarmente — é um país moderno combatendo de alguma maneira um atraso histórico.

Sônia, a socióloga

O filme mostra, desde o início, a sua ambição: contar a "verdadeira história" de Chico Mendes. Mas logo após a perfeita descrição de sua infância, vem a primeira falsificação: o filme pula do Chico de 1951 para sua maturidade em 1984,

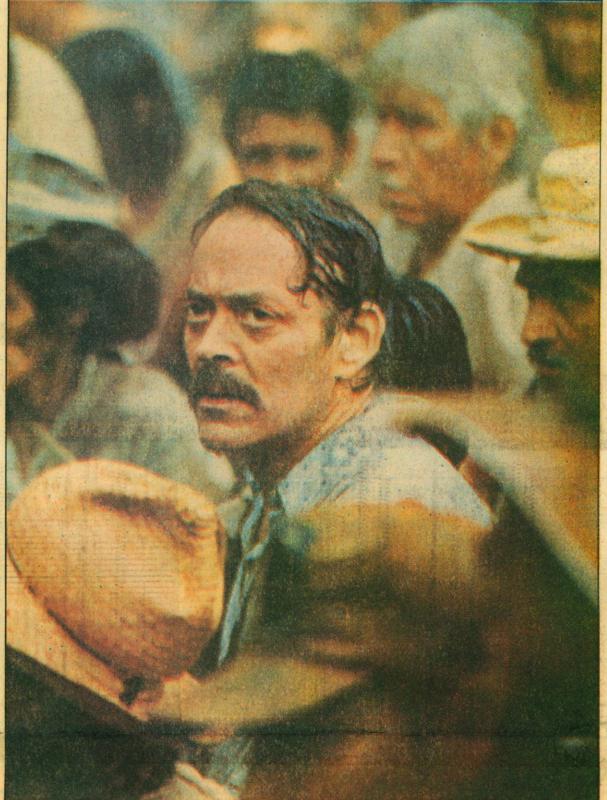
omitindo completamente seu período de formação política no Partido Comunista, onde aprendeu a ser um hábil negociador, ganhou uma ampla visão de mundo e construiu um projeto possível. "Seria complicado relacionar comunismo com Chico Mendes para o público americano. Aqui no Brasil, o comunismo é associado a uma luta contra a ditadura; lá nos Estados Unidos é relacionado com a União Soviética, com o inimigo", justificou ontem no Rio Andrew Revkin, autor do livro The burning season, em que o filme se baseou.

Para a complexidade de construção do personagem — interpretado por um Raul Julia menos canastrão e mais contido do que o habitual —, a omissão de sua formação política é grave. A reconstrução dos fatos, no entanto, é precisa. A luta política de Chico Mendes é descrita nos mínimos detalhes, desde o assassinato de Wilson Pinheiro (Edward James Olmos, excelente), o líder seringueiro que o antecedeu,

passando pelo início de sua briga pessoal e política com seu futuro matador, Darli Alves (Tomás Milián), até alcançar fama internacional. Um dos melhores momentos do filme é a visita de Chico Mendes aos EUA, levado pela socióloga Regina de Carvalho (Sônia Braga), na realidade um amálgama de vários personagens responsáveis pela viagem.

Para o público brasileiro, há um interesse extra, pro-

porcionado pela comparação com o que de fato aconteceu. Quando Wilson Pinheiro é morto, por exemplo, está passando na TV da sua casa a novela Vale tudo, de Gilberto Braga — exatamente a cena em que Odete Roitman é assassinada. O glamour e a mitificação dos personagens tipicamente hollywoodianos contrapõem-se à pobreza do norte do Brasil. O sotaque dos atores é risível: Chico vira Chicou, Mendes vira Mendéz e Brasil é falado com acento espanhol. Mas a essência da luta de Chico Mendes é mantida para além da língua inglesa. The burning season é uma história brasileira, com todas as aproximações hollywoodianas, mas não chega a ser um filme para in-



Raul Julia é Chico Mendes no filme que será exibido em sessão única no Rio amanhã

NA VIDA E NA TELA



CHICO MENDES

A caracterização de Chico Mendes por Raul Julia é estritamente hollywoodiana. Na viagem aos EUA, ele é inocente demais para quem possuía cultura e relacionamentos políticos sólidos. É particularmente deliciosa, e verdadeira, no entanto, a dificuldade que tem em abrir a torneira de um banheiro americano.



ILZAMAR

Ilzamar, a esposa de Chico Mendes, é uma personagem subestimada na história. Apesar de mais bela do que a original, Kamala Dawson apenas repete o clichê segundo o qual "por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher". Não se menciona que Ilzamar seria uma espécie de continuadora política de seu marido.



DARLI

Darli Alves, interpretado por Tomás Milián, é o personagem mais falsificado. A figura real frágil e desglamurizada é representada por um homem encorpado, seguro de si e com um discurso político articulado. Em nome da verdade histórica, Milián representa acertadamente um homem com uma ambição desmedida e incontrolável.

Um certo idealismo

ZUENIR VENTURA

grande erro do filme The burning season surge antes dele começar, ao se informar ao público que trata-se de uma história verdadeira. Se dissessem que era uma história inspirada ou baseada em fatos reais, seria menos chocante. Essa falta de verismo literal, porém, essa correspondência e transposição não impedem que o espectador veja a produção com muito prazer.

A Xapuri do filme, uma cidade cenográfica no México, tem tanto a ver com a Xapuri real quanto Raul Julia com Chico Mendes. Mas isso não chega a prejudicar a narrativa. Alguns personagens são mitificados ou diminuídos na sua importância, mas o grande problema é que o espectador embarca no filme com a sensação de que é uma obra-verdade — o que não é. O final, com a morte de Chico Mendes, é muito desastrado e desastroso na medida em que não transmite a complexidade do que foi a luta de Chico e do que ela representa hoje. É um filme que pelo seu conteúdo ideológico lembra uma história dos anos 60: um certo maniqueismo, um certo idealismo e um certo reducionismo que dificultam a compreensão de uma trama complexa, uma história que anuncia os anos 90.

O que era Chico Mendes, neste sentido? Um político, um ecologista, que tratava o problema da Amazônia com a complexidade que ela realmente tinha. Essa contradição está na origem ideológica de Chico Mendes, questão de que The burning season não trata. Chico sintetizava uma formação clássica comunista com a percepção e a intuição da luta ecológica. Mas para ele, a ecologia passava pela luta de classes.

O que complica o filme é a utilização de recursos de linguagem (exageros, sínteses de fatos e personagens, hipérboles, elipses) legítimos do ponto de vista artístico, mas que podem dificultar a compreensão da complexidade do personagem — complexidade esta que o transforma num herói moderno, com a visão planetária que ele tinha de

sua causa. Em alguns momentos, a realidade era muito mais bonita e tocante do que no filme. Em outros, o cinema reinventa de maneira mais enfática a realidade, como as cenas de empate em que os seringueiros se unem para proteger a floresta das motoserras. No filme há alguma coisa de ritualística, bem mais poético do que na realidade. Estas cenas não traem a essência e dão uma dimensão quase religiosa aos fatos. Veja o filme, mas não acredite em toda a história.